

**Fotojornalismo Policial:
O Corpo Morto ⁽¹⁾**

*Morto! Consciência quieta haja o assassino
Que me acabou, dando-me ao corpo vão
Esta volúpia de ficar no chão
Fruindo na tabidez sabor divino!*

*Espiando o meu cadáver ressupino,
No mar da humana proliferação,
Outras cabeças aparecerão
Para compartilhar do meu destino!*

*Na festa genética do Nada,
Abraço-me com a terra atormentada
Em contubérnio convulsionador...*

*E ai! Como é boa esta volúpia obscura
Que une os ossos cansados da criatura
Ao corpo ubiqüitário do Criador!*

(Augusto dos Anjos, Vox Victimae)

Edísio Ferreira Júnior ⁽²⁾

No fotojornalismo policial a imagem é utilizada como mediadora de interpretações possíveis entre o indivíduo e seu estoque de conhecimentos, o corpo vitimado pelo homicídio é, assim, caracterizado de uma forma standardizada. A diacronia presente nesta imagem pode vir a ser ativada em interpretações pelas regularidades sociais impostas e associadas às criações fotográficas que são, por sua vez, metabolizadas individualmente.

Este trabalho propõe-se a desconstruir os elementos presentes na composição de uma foto de homicídio, enquanto conceito, penetrando nas composições simbólicas que se tensionam em uma idéia consensual de ordenamento. Independente da idéia que faz-se da fotografia ser o real apreendido, trabalha-se aqui com sua caracterização como um meio de interpretação polissêmica das múltiplas realidades.

Mesmo procurando entender o todo que abarca a situação do homicídio e que é captado e apreendido pelo fotógrafo, este texto reserva-se a tratar apenas do corpo e seus elementos simbólicos vinculados no Jornal Folha de Pernambuco. A colcha de retalhos que recobre o enquadramento da foto de homicídio se inter-relacionando e inter-penetrando. A linguagem cifrada e decifrada conforme as características culturais, produtora e reprodutora de textos que apresentam-se dentro de um momento específico.

Fernando Pessoa diz que, "O Mytho é o nada que é o tudo". Esta afirmação remete o leitor a um tempo germinal permeado pelo sagrado e denominador de um fenômeno vivido. Dentro desta ótica, o corpo morto no homicídio passa a ser estudado como possível de irrupção do sagrado que, ao ser violado, torna-se impuro sem, entretanto, perder seu caráter de interdição. O que delimita e

demarca as fronteiras de impedimento. O fotojornalismo policial assume uma função de exposição e acesso àquilo que é proibido.

O tabu que cerca um corpo profanado com sua essência, o sangue, exposta trás o temor do contágio. O solo e o ar como elementos comuns, compartilhados pelos indivíduos, funcionam como um vetor que propaga as possibilidades do mana ⁽³⁾ atingir um membro qualquer da sociedade. Todas estas situações apresentam-se no espaço ocupado pelo corpo morto, independente da sua presença. Mesmo com a retirada da vítima do homicídio o mana não deixa de encontrar-se presente. Vide as cruzes que marcam os mortos nas estradas, campo simbólico, que têm sua potencialidade obstruída ao longo do seu trajeto.

Os mitos relativos ao corpo, o sangue, a morte, a criação, entre outros, assumem condições estruturantes diante do inefável. Não são funcionalmente destinados a esta situação. Criam-se diante do desconhecido, de forma autônoma, precedendo a mensagem que pode vir a utilizá-lo. No fotojornalismo policial este sentido revelado expõe o corpo como uma linguagem possuidora de uma carga significativa expressa de forma asséptica e desprovida do contágio. O jornal permite a segurança de travar relações com o proibido, de forma privada, sem se expor ao mana presente na cena. Este meio aseado protege o leitor e preserva a sua curiosidade mórbida suprida pelo prazer da revelação do sagrado profanado e expresso em códigos acessíveis.

Assim, a foto pode vir a ser utilizada como um conjunto de elementos com uma carga mítica ativada mediante interpretações possíveis. Salvaguardadora das proibições expressas, permite o contato, e a curiosidade que vasculha recônditos em outras situações impensáveis. Como produto cultural, utilizado pela mídia, o corpo sofre variâncias que o desnuda conforme o instante da percepção, expondo suas marcas.

O medo do acesso ao corpo morto não impede a atração que seus componentes simbólicos desempenham produzindo interpretações variadas. Dentre estas vê-se a noção de dualidade existente que o divide em essência e matéria. Partes distintas de valor e que desempenham funções que se tensionam-se e complementam-se. A matéria, como invólucro da essência, protege o corpo da profanação e da desordem produzida pela sua exposição não orientada pela sociedade. Já a essência é a individualidade do ser, é o que o caracteriza assumindo a definição de fragmento do divino. Só a este cabe a sua supressão. No homicídio há um ato de transgressão consciente onde um homem se arvora no direito de cessar a vida.

A perecibilidade é apresentada pelo corpo morto que posa para o fotógrafo como elemento extinto e que é revivido pela lente fotográfica como possibilidade interpretativa e testemunho "real" da situação ocorrida. São suas vísceras, seu âmago, que se expõe a apreciação pública. Captado e apreendido dentro de uma contingencialidade determinada, transporta-se inconscientemente para o observador o campo de visão produzido pelo fotógrafo.

O sangue que escorre do corpo pelo chão, destacado no Jornal Folha de Pernambuco, pela coloração vermelha denota a importância que o fotografia colorida tem na exposição e propagação de conceitos antropológicamente definidos e que fazem parte do inconsciente social e individual. O que provoca sensações de aversão ou desejo, dependendo dos valores embutidos socialmente em cada indivíduo.

É o não contato com a poluição que tenta o observador à relacionar-se e imiscuir-se nos códigos detectados ou não, criando um fascínio proveniente da proximidade de algo interdito e indesejado pela estrutura social. Porém esta proximidade fala o que

se quer ou se espera ouvir. O morto fala dentro das privações que a sociedade impõem. Na realidade, a transferência visual que ocorre entre o fotógrafo e o observador, ocorre entre o morto e quem o vê.. Como não é o observador quem observa; também, não é o morto quem fala.

Há uma apatia no relacionamento do observador com o indivíduo morto. Aquele mantém-se anestesiado diante da realidade sofrida. Anestesia exercida pela crescente e padronizada reprodutibilidade e acesso às fotografias desindividualizada para consumo.

Diante da enorme complexificação das formas de comunicação, o indivíduo contenta-se com a superficialidade aparente da linguagem. Com a comercialização da imagem reproduzida a exaustão e acessível a uma massa acrítica. Neste contexto insere-se o corpo morto fotografado. Sua imagem conspurcada, violada e violentada, remete àquela colcha de retalhos significativa, produzindo noções aparentemente sedimentadas por um simbolismo arquetípico.

O estudo deste corpo total começa pelos seus componentes, pelas possibilidades que permitem incontáveis considerações. É a análise sintagmática do corpo que desloca o estudo do campo dos preconceitos para o entendimento de símbolos e mitos estruturantes sociais. Estes elementos compositórios tensionam-se entre si, formando um todo com fragmentos interdependentes.

Mesmo na tentativa de criar um determinismo produtor da fotografia dentro de uma perspectiva única, não se consegue driblar os elementos arquetípicos que aderem à imagem. Estes não se dissociam da fotografia, podendo permanecer em estado de hibernação até que uma nova estação permita o aflorar da tradição nela contida.

A idealização do corpo como um instrumento, um objeto, um amontoado de matéria que precisa ser domado é a fonte do desprestígio imputado ao corpo. Este não resume-se apenas a anatomia ou fisiologia, ele é a expressão de uma individualidade na experimentação mundana. É a marca irrepetível, caracterizadora de uma presença e das sensações que emanam e que se sofre, dos momentos que representam o sujeito que sente e o objeto que é sentido.

Não se discute a construção perceptiva da imagem em períodos distintos. Mas, o corpo que nela encontra-se contido, é derivado de um mito primal que mesmo tendendo para pontos distantes do seu ponto inicial, deste não consegue desvencilhar-se. A não utilização dos mitos que explicam o corpo torna-se uma inverdade quando residualmente detecta-se a relação: sagrado/profano, uno/múltiplo, puro/impuro, contagioso/asséptico; permeando as relações travadas na produção, escolha e observação da fotografia de homicídio.

O contexto cultural compartilhado media as relações e o entendimento possível. É dentro destas fronteiras que o fotojornalismo policial enquadra seus corpos mortos e permite um leque de interpretações estocadas. A morte como situação natural e irremediável do ser-humano tem sua imagem contingenciada pelos contornos que a sociedade define e que possibilita uma codificação e decodificação ótima.

Entretanto, esta camisa de força social que configura o corpo morto não consegue promover uma decantação do simbolismo mítico que as fotos carregam. Aprisiona-se o corpo em uma imagem educada mas permanecem seus elementos ocultos que guardam múltiplos significados prontos a serem detonados. Vê-se o esperado sem suprimir o inesperado latente.

A tensionalidade, existente na sociedade, a agrega produzindo proibições e acessos

justificadores do acaso, do imprevisível, buscando negar quaisquer descontroles que ocorram. É a idéia de segurança e conforto, relacionada ao período embrionário, que permeia as relações mantenedoras desta tensão, sem que haja uma cisão do todo que a conforma.

Nos diversos contextos as fotos dispõem de diferentes leituras. Cabe ao pesquisador inseri-la no seu momento e analisá-la diante da intencionalidade do registro fotográfico. Compreender a expressão do corpo dentro do fenômeno que desenvolve-se, extraíndo sua identificação no tempo e espaço específico.

A banalização da morte pela repetição da sua presença, tornando todos os corpos maculados como corpos objetos, torna-a desprovida do seu fenômeno gerador. Levando a um descompromisso, excetuando-se o mercantil, entre o observador e o morto que se consome. O corpo sentido visualmente na fotografia não deixa de ser objeto mas, a experiência passada é desprovida do choque possível por uma expectativa de consumo.

Deixa-se de sentir a força propulsora da morte pelo medo da desordem. Assim, adestra-se os sentidos que tornam os indivíduos dóceis à espera da imagem de mais um corpo pasteurizado. Tornam os indivíduos sensíveis a foto una, que é servida abruptamente aos sentidos, e insensíveis aos componentes referenciais que a sensibilizam.

*Numerar sepulturas e carneiros
Reduzir carnes podres e algarismos,
-Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!*

*Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!*

*Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais
Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,*

*Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!*

(Augusto dos Anjos, *Versos a um Coveiro*)

Referências Bibliográficas

- ANJOS, Augusto dos. (1994). *Vox victimae*. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- _____. Versos a um coveiro. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- BENJAMIN, Walter. (1992 a). *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. In: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, pp. 71-113.
- _____. (1992 b). *Pequena história da fotografia*. In: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio D'Água, p. 115-135.
- CAMPELO, Cleide Riva. (1997). **Cal(e)idoscorpos: um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: AnnaBlume.
- DOUGLAS, Mary.(1976). **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva.
- ELIADE, Mircea & COULIANO, Ioan P. (1995). **Dicionário das religiões**. Com a colaboração de H. S. Wiesner. São Paulo: Martins Fontes.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro.(1997). **Projeto: os silêncios da fotografia**. João Pessoa: GREI-PPGS-UFPb; São Paulo: Fundação Vitae.

- _____. (1998 a). *Caixões Infantis Expostos: o Problema dos Sentimentos na Leitura de uma Fotografia*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Míriam Moreira (orgs.). **Desafios da Imagem**. Campinas, Papyrus, pp. 65-74.
- _____. (1998 b). *Fotografia e a Questão da Indiferença*. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (org.). **Imagens e Ciências Sociais**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPb, pp. 67-86.
- _____. (1999 a). *Imagens e narrativa - Ou, existe um discurso da imagem?*. **Horizontes Antropológicos** (12): 59-68.
- _____. (1999 b). *Luto e Fotografia*. In: ECKERT, Cornélia & MONTE-MÓR, Patrícia. (orgs.). **Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia**. Porto Alegre: Editora da Universidade, pp. 117-159.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. (1998). *As transformações da imagem fotográfica*. **Revista de Antropologia** 41 (2): 7-19.
- LISSOVSKY, Maurício. (1993). *O dedo e a orelha: ascensão e queda da imagem nos tempos digitais*. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional** 6 (1-2): 55-74.
- PESSOA, Fernando. (1986). **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- RODRIGUES, José Carlos. (1979). **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé.

NOTAS

- 1) Este artigo é parte do trabalho produzido no GREI - Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba, coordenado pelo Prof. Mauro Pinheiro Guilherme Koury, onde o autor é bolsista do PIBIC/CNPq/UFPb e desenvolve o sub-objeto: "*Fotojornalismo de Homicídio no Jornal Folha de Pernambuco - 1999/2000*", parte integrante de um trabalho maior do referido professor e denominado "*Sobre os Silêncios da Fotografia*".
- 2) Aluno do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (Campus I - João Pessoa).
- 3) Para Mircea Eliade o mana é: "...propriedade conferida pelos Deuses a pessoas, lugares e coisas..." e "...influência intransmissível de longa duração..." (1995, p. 242).